

## ARTIGO

# VOZES DA MIGRAÇÃO: RELATOS DAS GUIANENSES EM RORAIMA

### Resumo

Aborda-se neste artigo a temática do deslocamento internacional de populações de países pertencentes à Pan-Amazônia, em especial as implicações desse fenômeno nas relações familiares enfocando a perspectiva das mulheres guianenses. Buscou-se identificar arranjos familiares, vivências transnacionais e demais estratégias que permeiam os vínculos familiares durante o processo migratório. Utilizou-se a metodologia qualitativa, com ênfase na observação participante, entrevistas abertas e conversas informais. As narrativas dos interlocutores sobre as mulheres guianenses demonstram a existência de vulnerabilidades relacionadas à cor da pele, etnia e classe social. O processo migratório lhes demanda a construção de atitudes e comportamentos considerados adequados para lidar com as novas dinâmicas encontradas na localidade hospedeira, a possibilidade de quebra de modelos ideais, a ressignificação dos papéis familiares e o estabelecimento de novos arranjos na família.

### Palavras-chave:

Boa Vista; guianenses; mulheres; migração internacional.

### Abstract

*It is approached in this article the issue of international displacement of populations from countries belonging to the Pan-Amazon, especially the implications of this phenomenon in family relationships focusing on the perspective of Guyanese women. We sought to identify living arrangements, transnational experiences and other strategies that permeate family ties during the migratory process. We used a qualitative methodology, with an emphasis on participant observation, open interviews and informal conversations. The narratives of the interlocutors about the Guyanese women demonstrate the existence of vulnerabilities related to skin color, ethnicity and class. The migratory process requires them to build attitudes and behaviors considered appropriate to deal with the new dynamics found in the host location, the possibility of breaking ideal models, the resignification of family roles and the establishment of new arrangements in the family.*

### Keywords:

*Boa Vista; guyanese; women; international migration.*

## Introdução

Os autores que discutem ou teorizam a migração, apontam como fundamentais as dimensões demográfica, econômica, política, sociológica e psicossocial (FAZITO, 2002; HALL, 2003; PEIXOTO, 2004); sua caracterização como um “fato social completo” (SAYAD, 1998) que tem motivações que vão pra além das questões econômicas (SINGER, 1980). Na migração os processos sociais estão associados à etnicidade, às redes que fortalecem os fluxos migratórios e às peculiaridades de ordem psicossociais que são encontradas entre os motivadores para os deslocamentos internacionais. Com relação às múltiplas possibilidades de pesquisa na migração Sayad (1998, p. 15) destaca que:

[...] o espaço dos deslocamentos não é apenas um espaço físico, ele é também um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião) etc. Cada uma dessas especificações e cada uma das variações dessas mesmas especificações podem ser objeto de uma ciência particular.

A experiência da migração pode representar significativas mudanças dos papéis sociais tradicionais de homens e mulheres; de pais, mães e filh(a)s e, ainda, na relação com outros membros da família, como avós, tios, tias, entre outros. Geralmente, a mulher adquire uma maior emancipação por meio do trabalho remunerado; o homem, com o aumento da autonomia, se depara com mudanças no relacionamento devido demandas por maior participação no âmbito doméstico; os jovens podem desafiar as estruturas tradicionais estabelecidas pelo seu grupo social e adotar novas perspectivas acarretando, assim, transformações na organização da família, na relação geracional e entre os gêneros (PNUD, 2009; ROSAS, 2010).

Thurler (2011) destaca que é importante fazer uma análise das narrativas dos migrantes sem se deixar levar por binarismos que separam e distinguem a localidade de origem e de destino, alimentando estereótipos e preconceitos, principalmente relacionando o local de origem que acaba por se interpretado como *atrasado, limitado e tradicional*, hierarquizando assim culturas e grupos. Analisa-se que este binarismo desconsidera a complexidade dinâmica das relações sociais, tais como as que envolvem homens e mulheres do lugar de origem, cristalizando-as em modelos e ocultando a ação de fenômenos como os da migração nas transformações sociais e culturais nas sociedades de origem.

A dinâmica migratória, por um lado, pode proporcionar relações mais igualitárias, a diminuição da violência ou coerção, por outro, pode agravar conflitos familiares que estavam até então latentes. Blanchette (2005, p. 140) informa que:

O indivíduo que se desloca internacionalmente para uma terra nova terá de aprender novos hábitos e *habitus*. Talvez precise lidar com uma língua estrangeira. De qualquer maneira, ele se afastará de sua família, parcial ou completamente, e, mais importante, como detalhamos acima, muito provavelmente terá de aceitar uma nova classificação frente ao Estado. De cidadão, passará a ser súdito – um ser que é legalmente classificado como apenas parcialmente em posse dos direitos que seus novos conterrâneos entendem como naturais.

Assim, a migração realoca conceitos e perspectivas nos mais diversos parâmetros, sendo a realidade guianense permeada pela vivência de relacionamentos desfeitos, o recomeço da vida conjugal ou a escolha por permanecer sem o laço do casamento é algo que faz parte da vida cotidiana das guianenses com e sem a experiência da migração internacional.

Este artigo é um recorte da dissertação *Migração e família: a dinâmica familiar de guianenses na cidade de Boa Vista-RR*, as informações aqui contidas foram obtidas através de pesquisa de campo entre o período de maio de 2012 a dezembro de 2013. Para abordar o tema estudado, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa, que possibilita múltiplos olhares sobre um mesmo objeto preocupando-se com aspectos profundos, descrevendo fenômenos sociais e abarcando instrumentos sensíveis às realidades encontradas, ampliando assim o campo de análise (MINAYO, 2010).

Utilizou-se como instrumentos para coleta de dados a observação participante, a elaboração de diários de campo, a entrevista do tipo aberta e genogramas. Os interlocutores da pesquisa foram sete guianenses, destes quatro eram mulheres e três homens, que começaram a ser acompanhados a partir de fevereiro de 2013. Guber (2001) considera que os interlocutores são atores privilegiados, uma vez que apenas eles podem narrar (pensar, sentir, dizer, associar) como o acontecimento foi vivenciado.

Trata-se de memórias, recordações e de experiências que foram obtidas dos atores sociais sobre seu passado por meio da oralidade, estas permitem mostrar aspectos profundos e afetivamente complexos das pessoas, além de proporcionar uma reflexão crítica e qualitativa de processos histórico-sociais (MEIHY, 2005).

As narrativas como as dos interlocutores da pesquisa remetem a um passado de violências macroestruturais e psicossociais desde a tenra infância, instigam a reflexão sobre a ação destes fenômenos para fomentar a busca pelo deslocamento regional e internacional, e a construção de atitudes e comportamentos considerados adequados para lidar com a demanda imposta por diversos setores de suas vidas.

## *Migração internacional e as experiências familiares*

Influenciada principalmente pelo desenvolvimento tecnológico e pela globalização, a migração passa a apresentar novas características e a fomentar estudos que tentam dar visibilidade para questões relacionadas às identidades nacionais, identidades híbridas, redes migratórias e à transnacionalidade (HALL, 2003; FAZITO, 2002; SOARES, 2002; SASAKI E ASSIS, 2000).

Nesse contexto, transmigrante é a pessoa que possui laços simultâneos no país de origem e de destino, principalmente referente aos aspectos socioculturais, econômicos e políticos (VALDERRAMA, 2007). Neste sentido, destacam-se a manutenção de relações contínuas com a família e/ou amigos na localidade de origem, a participação cívica através do voto e da inserção em políticas públicas na comunidade hospedeira e de origem, assim como a dinâmica que ocorre a partir da entrada do migrante no mercado de trabalho e os investimentos financeiros na localidade de origem (SASAKI E ASSIS, 2000).

A transnacionalidade figura como uma das características principais da atual migração internacional e revela a compressão espaço-tempo por meio do advento globalização e do avanço tecnológico, que reduzem distâncias físicas e simbólicas no cotidiano dos migrantes (MITCHELL, 2003). De acordo com Hall (2006), os tópicos que envolvem o encolhimento do mundo trazem como base as categorias simultaneidade e velocidade, a compressão do espaço-tempo é central para compreender as transformações nas identidades culturais, principalmente por elas serem responsáveis pelo compartilhamento de elementos socioculturais entre os mais diversos povos.

Os deslocamentos e a constituição de famílias transnacionais por meio da migração, por um lado, conduz a família a uma maior integração, através da necessidade de proximidade, de partilhar as lembranças do país de origem, de preservar costumes e tradições; e, por outro lado, à desagregação, com a vivência de realidades que são contrárias ao que se almejava, o enfrentamento de problemas econômicos como o desemprego, a dispersão dos membros da família em diferentes localidades e, conseqüentemente, à perda ou manutenção do contato, tanto físico como emocional (HELMAN, 2009).

A ausência do migrante vai, em maior ou menor grau, afetar negativamente os integrantes da família, principalmente quando o deslocamento envolve a separação entre cônjuges e entre pais e filhos. Com relação a este assunto, o PNUD (2009) constata que os impactos são complexos, modificam-se com o passar do tempo,

dependem dos atores envolvidos na migração, das condições de vida na localidade de destino, dos vínculos, que se dão através das remessas sociais, contato contínuo e projetos de reunificação familiar.

Haydar, Vélez e López (2011), Parella (2007) e Villamizar e Moreno (2011) dizem que, com a experiência migratória, a família se reconfigura por meio de estratégias que asseguram a manutenção das suas bases durante o viver transnacional. Estas estratégias de conservação da relação familiar são possíveis, principalmente, devido às remessas financeiras, ao sistema de transporte e a evolução tecnológica que permitem a comunicação frequente. Todos estes elementos geram a percepção de proximidade, mediante negociações e reorganizações constantes entre os familiares, transcendendo o plano físico e os pressupostos tradicionais, reafirmando os laços afetivos, construindo planos comuns, estratégias de cuidado e projeto de reunificação, que faz estas famílias permanecer entrelaçadas (RINCÓN E PINEDA, 2010; VILLAMIZAR E MORENO, 2011).

Assim, ao dar destaque à *família transnacional*, pretende-se realçar a ideia de que o vínculo e as experiências familiares não estão circunscritas a proximidade territorial, mas compõem-se entre diferentes ambientes e temporalidades, podendo articular a “redefinição, rearticulação, reconfiguração dos papéis sociais e de parentesco” (PAES, 2011, p. 167). Compreende-se que as famílias são grupos heterogêneos, com as suas conexões influenciadas pelas características socioculturais (origem nacional, etnia, classe social, gênero) do grupo estudado, abarcando aos diversos arranjos familiares possíveis, onde comumente se exerce a *parentalidade e conjugalidade transnacional*, quanto à rede de outros membros que a compõe (SOLÉ, PARELLA E CAVALCANTI, 2007).

Com isso, há uma reconstrução das relações familiares e de gênero, os novos rearranjos familiares implicam em combinação de mudanças e permanências que não podem ser caracterizados apenas pela passagem dos costumes da localidade de origem para a de destino (ASSIS, 2011). Constata-se que a presença de mulheres na localidade hospedeira é identificada como elemento de estabilidade do migrante, de existência de projetos de fixação de residência, formação de grupos de contato onde se possa reforçar os valores tradicionais dos migrantes, fato que costuma causar temor como em países como os da Europa que formulam leis que barram a reunificação familiar (GREEN, 2011; PARELLA, 2007; PEDONE, 2008).

Siqueira et al. (2011) destacam que ao discutir relações de gênero procura-se analisar as relações de assimetria instituídas no plano simbólico e social que têm relação direta com a história e a ideia de desconstrução dos papéis até então oferecidos.

Faz-se importante reconhecer a existência de um binômio dominação/subordinação que dá suporte para perspectiva patriarcal e que em maior ou menor grau faz com que a interface entre papéis de gênero e outros papéis alocados a homens e mulheres seja imposta ou negociada.

O conjunto das narrativas dos guianenses participantes da pesquisa indica a existência de relações negociadas entre a localidade de origem e de destino tanto no que diz respeito à percepção de cada um quanto no diálogo familiar cotidiano. Sem dúvida encontrou-se alguns campos de negociação difíceis, principalmente entre aqueles que vieram para o Brasil quando adultos jovens e os que estavam há pouco tempo na localidade hospedeira.

A República Cooperativa da Guiana destaca-se como um país constituído pela dinâmica migratória, envolve-se tanto na recepção como na circulação e emissão de migrantes, os idiomas mais comuns no país são o inglês, os dialetos ameríndios, o *creole*, o hindu caribenho (um dialeto do hindí) e o urdu (OMI, 2013). A distribuição étnica da população ocorre da seguinte forma: os indo-guianenses constituem o maior contingente étnico com 43,45% da população, os afro-guianenses 30,2%, os *mixed* 16,73%, os ameríndios 9,16%, de descendência chinesa 0,19%, os brancos 0,06%, os de descendência portuguesa 0,20% e outros com 0,01% (BUREAU OF STATISTICS GUYANA, 2013).

Dentre os migrantes internacionais, os guianenses são os que mais se deslocam para Roraima, tanto motivados pela crise econômica quanto política vivida pela Guiana nos anos 1960, 1980 e 1990 (RODRIGUES, 2009; NETO, 2005; SADER E JINKINGS, 2007), bem como pela existência de um imaginário relacionado à possibilidade de melhoria socioeconômica e acesso a uma gama de serviços públicos acessíveis no Brasil (SANTOS, 2008).

Além dos aspectos políticos e econômicos, outro fator que favorece o deslocamento de guianenses para Roraima é a existência de comunidades indígenas Wapixana e Macuxi localizadas ao longo da fronteira, que mantém fortes redes de parentesco nos dois Estados nacionais, além da existência de um tipo de identidade contextualizada vivenciada pelos que se denominam como *guy-braz* (BAINES, 2004; CORBIN, 2009; PEREIRA, 2007).

A Guiana foi referenciada como um país com cultura e povo admirável, no entanto, as condições socioeconômicas do local foram enunciadas em diversas narrativas como limitadoras do retorno, e a volta à pátria é reinventada pelas frequentes visitas àquele país e ao morar na região de fronteira e/ou estar em contato contínuo com os territórios guianenses na cidade de Boa Vista.

Os migrantes contam histórias de dificuldade, separação dos relacionamentos com os companheiros e até de abandono. Foi mencionado de forma constante o encontro entre os costumes aprendidos na Guiana, os modos de *ser* brasileiro e a tentativa de mediação das várias situações sociais que abrem espaço para novas possibilidades de viver no Brasil.

Quanto ao estabelecimento dos interlocutores em Boa Vista, aos papéis sociais no grupo familiar e a dinâmica de relacional após a migração, e em conformidade com os análises de autores como Rost (2009), Parella (2007), Pedone (2008), verifica-se ser suma importância discorrer sobre a obtenção de emprego e o impacto nos relacionamentos amorosos, sobre a manutenção de relacionamentos conjugais à distância, a criação dos filhos em um novo espaço sociocultural, sobre os relacionamentos conjugais estabelecidos no contexto migratório e a criação dos filhos, muitas vezes em um lar monoparental.

### *Mulheres migrantes em Boa Vista: lutas e conquistas no processo migratório*

Sobre a participação feminina na migração é possível falar de uma “feminização das migrações” que mostra cada vez mais a participação das mulheres nos deslocamentos internacionais e os consequentes processos que ocorrem no âmbito doméstico e público, uma vez que, este fenômeno faz crescer a importância das mulheres na migração devido inúmeros papéis que ocupam tanto na localidade de origem como na de destino (SCHULER, 2010; SASAKI E ASSIS, 2000).

Wall, Nunes e Matias (2008) destacam que geralmente o perfil das mulheres migrantes está associado às trajetórias de vida de pobreza, muitas vezes, extrema durante a infância, entrada precoce no mercado de trabalho, a elevada mobilidade geográfica em função da busca por trabalho próprio ou de familiares, contextos em que a sobrevivência ocorre de forma individual já desde pequenos, o que faz com que a criação de crianças e adolescentes seja realizada por diferentes integrantes do grupo familiar. Nesta conjuntura as autoras destacam que a migração pode ocorrer de forma regional e internacional sendo realizado um percurso que envolve idas e voltas e que tem como um dos motivos a busca por estratégias para sobreviver diante de violências e dos abusos, de refazer a vida em outras bases, adquirindo melhores condições de trabalho e de vida.

As experiências de vida dos guianenses participantes do estudo, além das necessidades socioeconômicas, os conflitos familiares que se relacionavam a gravidez, “ser mãe solteira”, violência doméstica e relações matrimoniais recentes, tiveram um

papel importante como motivadores dos deslocamentos das interlocutoras, assim como das mães, tias e primas dos migrantes guianenses ouvidos.

No país de origem das interlocutoras, o cotidiano familiar se estrutura de forma que as condições de pobreza e ausência de qualidade mínima de vida interdita as práticas sociais que propiciem relações igualitárias e *empoderadas*<sup>1</sup> entre os diversos grupos sociais, e, nas relações entre homens e mulheres, se perpetua a mesma lógica de diferença e rebaixamento do outro.

Diversos grupos guianenses possuem um modelo de família idealizado com características patriarcais e tendências conservadoras na sua essência, não se pode deixar de indicar a participação das ideias religiosas que contribuem para a manutenção deste arquétipo que se defronta com uma série de contradições existentes não só nos limites das unidades familiares, mas que os transcendem, como são as questões econômicas, afetivas, sexuais, raciais e de poder. Há um distanciamento entre a norma e a prática, que se faz presente principalmente nas narrativas sobre as mulheres guianenses que em diversos momentos foram identificadas como participante ativa seja na família seja na sociedade, assumindo a chefia da família e trabalhando para a sobrevivência da sua prole.

Averigua-se existir a ideia de um modelo familiar conservador, mas onde situações díspares do modelo idealizado ocorrem constantemente, tais como ser “mãe solteira”, ser “mulher abandonada”, ser mulher que “tem que sustentar a casa”. Constata-se que é crescente o número de mulheres, que assumem nos dias atuais a chefia da família; muitas vezes vivendo sem a presença de um companheiro, porém mantendo uma rede de relações extensa entre através de vínculos e consanguíneos e afetivos (MOTTA, 1998).

O controle moral da mulher é intenso, ao longo dos contatos estabelecidos identificou-se um “duplo padrão”, que preconiza comportamentos distintos para homens e mulheres, ou seja, atitudes permissivas para os homens e repressivas para as mulheres, caracterizando a forte diferenciação de gênero. Discursos diversos demonstraram uma ideologia impregnada de controle social feminino, que vai desde a escolha de vestimentas até a autoridade sobre a sua locomoção nos papéis tradicionais, as diferenças aparecem sob muitos ângulos ao se comparar com a realidade vivida após chegar ao Brasil.

---

<sup>1</sup> Krmpotic (2012) descreve o *empoderamento* como a possibilidade de uma pessoa ou grupo realizar efetivamente escolhas (políticas, sociais, culturais, econômicas) sobre si. Para a autora está diretamente ligado a existência de oportunidades e a possibilidade de analisar e eleger os caminhos a percorrer, ao mesmo tempo em que demanda a existência de recursos psicológicos, materiais, informacionais e humanos.

Assim, era muito rígido: você mocinha é pra ficar dentro de casa. Não podia sair sozinha. Mãe te leva, pai te leva, irmãos não levavam! Um primo que chegava convencia a minha mãe pra levar a gente pra sair. Sair assim, sem nenhuma. Assim, no comércio, né? Aí pra festa, se ela não tá lá, ele que levava e dizia: Olha, tal hora tem que tá de volta! e olha lá. Se passa daquela hora, vem a mãe com o facão! É. É passou certa hora e ela vê vocês voltando, ela saía com o facão. Pra mim quando você é mocinha né você não tem que se expor, tu expor pra teu marido, mulher tem que se expor pra teu marido e não pro vizinha né, você usa uma saia que abaixa vê lá no China, é feio, mas é claro que tem pessoas que gosta, mas usa dentro de casa né, na Guiana você usa esse tipo de coisa na rua é porque você é da vida, aqui todo mundo aceita como normal né, mas até hoje pra mim coloca um bermuda pra andar na rua sente tão nu, mas nu envergonhado. Quem tá me olhando? Quem? Se eu usa saia, eu tô com short embaixo, se usa vestida tenho uma short embaixo, claro que calça comprida né. Tem que usa um short embaixo porque vem um vento levanta tua saia, levanta tua vestido (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

E outra coisa esquisita que eles (*guianenses*) acham assim, por exemplo, uma mulher vai tipo aqui que andam aqui nesse *Chão de Brasa*<sup>2</sup>, nesses barzinhos. É uma coisa muito esquisita! Vão ficar assim espantado vendo que arrumação é esse, sabe? As mulheres sentadas tomando uma cerveja! Não! Eles acham estranho, eles ficam dizendo que a mulher é baixa, não tem respeito! Eles pensam assim (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

Nota-se a partir das narrativas que a participação das mulheres guianenses no espaço público é mediada por profundas assimetrias e preconceitos. Há um forte controle do agir que chega a permear inclusive as relações estabelecidas na localidade hospedeira. Em inúmeras ocasiões, constata-se que o poder formal é destituído das mulheres e legitimado aos homens. As mulheres, nesse caso, as interlocutoras guianenses desenvolvem meios de resistência pelo protagonismo social construindo armas para lutar contra estruturas de poder e instrumentalizar as limitações que lhe são demandadas.

Wall, Nunes e Matias (2008) informam que as diversas trajetórias femininas nas localidades de origem e de destino têm como impacto a existência de mudanças na vida familiar, identificando-se um aumento de divórcios e de famílias monoparentais após o estabelecimento em outro país. Observa-se que o modelo em que o homem é o principal provedor e onde há uma forte diferenciação de gênero no casal é suplantado por novos padrões que se relacionam ao desejo por maior igualdade, companheirismo e partilha de responsabilidades. Tratam as experiências vivenciadas na localidade de origem como elementos de reflexão e melhoria nas relações estabelecidas na comunidade de destino.

Ao longo de seu percurso migratório, essas mães-migrantes se situaram/situam

---

2 Espetaria e Choperia localizada no centro da cidade de Boa Vista (RR) e que costuma reunir um grande número de pessoas durante a semana e finais de semana.

entre a busca de autonomia e as restrições de diversas ordens, pois, em uma e outra sociedade, não escapam às relações de dominação e às normas sexistas. Compreende-se, portanto, que “[...] relações sociais de sexo são estruturantes e referenciadoras do funcionamento da sociedade de partida e da sociedade de chegada” (THURLER, 2011, p. 214).

As relações familiares das mulheres guianenses, na localidade de origem, remetem à dependência familiar e/ou conjugal e a migração torna-se um meio para adquirir autonomia (ROST E RODRIGUES, 2008). Ainda como aspectos do processo migratório, observam-se nos relatos desta pesquisa e de outras como a de Rodrigues e Vasconcelos (2012) o *empoderamento* das mulheres na localidade de destino, a resolução ou ampliação dos conflitos relacionados aos padrões patriarcais de relacionamento conjugal, além de reunificação familiar na localidade de destino.

Os entrevistados relataram sobre o percurso feminino sujeito a dificuldades e conquistas na construção do lar e cuidado dos filhos. Constata-se quanto aos arranjos familiares dos migrantes guianenses que a maioria dos interlocutores viveu, em algum momento da sua trajetória de vida, a circunstância de ter sido cuidado por uma mulher chefe do lar monoparental ou ter sido (e continuar sendo) a única responsável pelo cuidado dos filhos e provimento do lar.

Durante pesquisa com mulheres migrantes e mães solteiras Thurler (2011) observou que os relatos traziam histórias sobre companheiros que tendiam a ignorar as responsabilidades com a paternidade e interpretar este vínculo como algo dissociado da incumbência de cuidado e ligação afetiva intensa.

Em consonância com estas informações, indica-se que segundo a percepção dos interlocutores, os relacionamentos têm como padrão companheiros que não são confiáveis e paternidades que não são identificadas como positivas, fatores que acabam tornando o convívio conjugal bastante desgastante e muitas vezes uma fonte de crise ao invés de ser uma fonte de suporte na rotina diária. Pode-se visualizar um recorte desta situação nos comentários abaixo:

Olha, o pai do meu primeiro filho era lá na Guiana, minha mãe não queria sabe, porque ele não podia ver um rabo de saia né, e eu tive que separar por causa dela dizer que, se eu quiser ficar na Guiana, na família, eu tinha que fazer aborto; porque eu fiquei grávida ou se não, vinha pro Brasil com meu pai. Então, escolhi meu filho e tive que vim pro Brasil. Os outros não (pais de seus filhos). Conheci aqui, mas acho que não prestavam não, entre aspas. Eu me juntei com o pai da mais velha. Eu tive três filhos com ele. E ele saiu pra Guiana de volta, atrás dos documentos dele e nunca voltou. Isso aconteceu em noventa e sete. [...] E o outro, eu conheci ele realmente, ele, eu vou te ser franca: drogado! Que eu queria tirar do caminho das drogas, só que não deu certo, então eu tive que dar ponta pé nele. Porque esse daí eu fiquei com raiva! Não queria largar o droga e eu fiquei com raiva

e deixei. Só que ele foi viver na Penitenciária Agrícola de Monte Cristo (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Esse meu filho não conhece. Ele chegou a conhecer o pai dele faz pouco tempo, pelo *Facebook* ano passado, ele não conhece esse menino pessoalmente, ele vê assim as fotos que a gente manda, mas quando eu separei eu estava grávida dele de uns 3 ou 4 meses. Então ele foi pra lá e eu fui com meus pais, aí, depois que voltei pro Brasil, aí eu botei ele na escolinha e criei ele até certa idade. Foi quando conheci o pai da minha filha mais nova (Mary, 44 anos, entrevista realizada em 28/10/2013).

A maternidade é vivenciada, em geral, com parceiros que após algum tempo distanciam-se ou de relacionamentos que nunca foram concretizados com a coabitação. No processo de aprendizagem e ressignificação contínua que ocorre na localidade de destino também sucedem sentimentos de estranhamento e rejeição. Garcia (2007) revela que homens e mulheres lidam de formas diferentes com as mudanças ocasionadas pelo processo migratório.

A maior parte das mulheres atuam com maior resiliência nos momentos em que é necessário pedir ajuda, ao se depararem com situações de desamparo e ao tentar sobrepujá-las. Já para os homens, o sentimento de humilhação é mais recorrente porque não estão habituados a lidar com sentimentos associados a imagem de fracasso, sofrem ao serem vistos pela companheira, pelos filhos e por aqueles que estão em contato direto, como seres frágeis e que demandam amparo também.

Um fator intensificador deste processo é a busca pela inserção laboral após a chegada ao Brasil e a estruturação da estabilidade socioeconômica. A mulher obtém subempregos com maior facilidade e os mantém durante meses ou até anos, em geral trabalham no serviço doméstico. Enquanto o homem migrante encontra maior dificuldade para conseguir trabalhar, na maioria das vezes, resta-lhe o desemprego ou, com ajuda da família e amigos, o trabalho autônomo como camelô, feirante, vendedor de bebidas em festas, etc.

Verifica-se, por conseguinte, na mudança necessária para se organizar no espaço público boa-vistense, o exercício contínuo que é exigido deste homem que não aprendeu a depender financeiramente de sua companheira e a exercer com maior intensidade os papéis de cuidado doméstico, fato que pode acabar lhe fragilizando, pois fere os modelos ideais de estruturação relacional no ambiente familiar. Muitas vezes, os relacionamentos se quebram, vive-se novas relações conjugais e os filhos dos relacionamentos interrompidos acabam estabelecendo laços afetivos mais intensos com os que lhe estão próximos, mas guardando recordações dos que estão distantes, seja pelo que foi experienciado ou pela lacuna de algumas memórias.

O início de um relacionamento com pessoa de outra nacionalidade também é um fator de destaque na avaliação deste fenômeno, a união conjugal entre pessoas que já é naturalmente negociada em função das diferenças de família, região, nível educacional e classe social, pode se tornar mais complexa quando envolve um casal proveniente de países com diferenças culturais; até se compartilha conceitos básicos, entretanto, a forma de interpretar e reagir diante de inúmeras situações pode ser considerada irracional ou apenas corriqueira diante dos elementos socioculturais reproduzidos por cada um (SCHULER, 2010). Esta autora destaca que:

Quando estamos fora do nosso equilíbrio cultural passamos mais tempo entendendo o que está acontecendo do que participando do acontecimento e essa é exatamente a experiência de muitas pessoas que se encontram em meio a uma cultura estrangeira. Elas sentem que as estratégias para lidar com o dia a dia não funcionam mais. Em uma situação de choque cultural, nós não nos sentimos seguros, não sabemos o que é esperado de nós, nem o que esperar das pessoas que estão ao nosso redor (SCHULER, 2010, p. 62).

A distância linguística é uma das grandes diferenças entre os povos dos dois países e de acordo com Melman (1992) dos principais fatores de impacto no estabelecimento de um relacionamento intercultural. Para Schuler (2010) a diferença da língua materna num relacionamento que envolve intimidade, cria um desequilíbrio entre os envolvidos, desde a transmissão de humor e emoções no diálogo até a participação do casal nos espaços públicos; há também a distância da família, o reduzido número de pessoas a quem recorrer diante de conflitos no relacionamento, além do desconhecimento de direitos e deveres jurídicos associados à relação conjugal, sem deixar de mencionar as diferenças étnicas, costumes morais, preferências alimentares.

São comuns, portanto, histórias de maternidades solitárias, experiências de abandono e também a necessidade de lidar, em maior ou menor medida, com preconceitos relacionados a este papel tanto no Brasil quanto (principalmente) na Guiana. García (2007) destaca ainda a existência de dimensões articuladas entre si na vivência de discriminação entre as mulheres migrantes, sendo que sexo, etnia e classe social são constantes que expõe estas mulheres a uma tripla marginalização.

No caso das guianenses as variáveis sexo, etnia e classe estão presentes e acabam potencializando a ocorrência de uma série de dificuldades que precisam ser enfrentadas cotidianamente. Como tática para lidar com as diversas limitações impostas na sua rotina diária, faz-se o uso de diversas estratégias, como por exemplo, a racionalização dos comentários e minimização do afeto negativo associado aos julgamentos dos “Outros”.

Olha, se eles olha, se eles falam a vida é minha! Aconteceu o que aconteceu comigo, podia ter acontecido com qualquer um, mas quem fala mal de mim porque sou mãe solteira, graças a Deus sou mãe solteira e não sou mãe bebedeira né? (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Teve a minha filha. Eu não era casada, né? E não era uma coisa que a gente estava esperando. Esses orientações que as pessoas tem, hoje, meninas: Não engravida! Tem que casar e tudo o mais. Essas informações estava oculta para nós, entendeu? Então, namorei, engravidei e... Não era uma coisa que eu queria no momento. Mas, aconteceu! Eu tava com a minha mãe e falei com a minha mãe... Tentei não ter a menina mas... Deus quis né? Não cheguei a morar com ele, nada! A gente só teve esse filho, ai, depois não deu certo, né? Eu fiquei com a minha filha e ele foi seguir a vida dele! (Marta, 44 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

Eu acho que assim, eu acho que as pessoas naquela época não ligavam muito pra isso (ser mãe solteira), porque eu tenho certeza que não era só ela (a avó) que tinha muitos filho pra criar e também ela teve 12 filho, então nem os 12 morava com ela, alguns moravam com ela e todo mundo ajudava como minha mãe (Steve, 22 anos, entrevista realizada em 11/10/2013).

O número de filhos e o fato de permanecerem com a mãe em Boa Vista também é um elemento diverso do que se examinou na fala acerca da vivência familiar na Guiana, muitas vezes os interlocutores experienciaram a situação de ter que ir morar na casa de outros familiares tais como tios e avós e viveram separados dos irmãos e pais. Estas experiências em inúmeros momentos foram referidas como desencadeadora de afetos negativos, principalmente devido a percepção de cuidado reduzido e contrastante com o oferecido a outros membros do grupo familiar.

Sobre esta realidade em que as relações familiares não se articulam unicamente entre as categorias de mãe, pai, filho, e aos parentes mais próximos, as possibilidades são diversificadas, tendo potencial para mobilizar tanto sentimentos positivos como negativos. E o que se visualiza é a existência de famílias “flexíveis e plurais” (VAITSMAN, 1994) contendo “mosaicos genealógicos” (SCOTT, 2011) que abrem espaço para a participação de inúmeros outros personagens na rotina familiar.

Considerando as possibilidades de arranjos e rearranjos, os dados obtidos ao longo da pesquisa revelam que mesmo com parentes morando na cidade de Boa Vista e com condições difíceis de renda, a maior parte dos filhos nascidos tanto na Guiana quando no Brasil permaneceram com as interlocutoras. A flexibilidade no compartilhamento do grupo familiar se dava em novos parâmetros que não necessariamente a coabitação, o auxílio financeiro, apoio para criação de redes sociais e assim acesso à serviços básicos como saúde, emprego e educação foram os mais referidos.

As interlocutoras narraram sobre a satisfação em conseguir manter a unidade doméstica, a quebra do paradigma de ter que se separar dos filhos em virtude de fatores fora do poder de decisão, como questões financeiras, assim como referiram a percepção de maior ganho de conhecimento como o passar do tempo e crescimento pessoal a partir da superação das crises surgidas ao longo de suas trajetórias de vida.

Eu não vou ficar dependendo de ninguém. Claro que eu não posso viver sem eles (*homens*), né? Mas eu vou dar um jeito na minha vida pra poder sobreviver. E esse daí até hoje eu tô fazendo (*diç apontando para o filho mais novo*). Mas não é assim, a melhor opção. Mas quando você está só tu raciocina mais, tu vê as coisas mais claras, porque não tem ninguém, nenhum homem chorando no teu ouvido, mas é duro, é duro. Mas você tem que ter coragem. Eu criei as minhas filhas sozinhas, nunca roubei, nunca menti, nunca enganei, nunca rodei bolsinha na esquina pra ganhar nada! Sempre trabalhando, trabalhando e trabalhando (Anne, 45 anos, entrevista realizada em 19/10/2013).

As relações de poder se reconstruem em contextos migratórios, neste sentido é necessário afastar-se de interpretações dualistas quanto à sociedade de origem e de destino (THURLER, 2011). Assim, não se trata de limitar o campo de análise e subentender a localidade de chegada unicamente como um lugar de *empoderamento*, dado que nos diversos espaços em que transitam, as mulheres enfrentarão as continuidades das relações de poder, processos reconfigurados de preconceito e direitos contingenciais.

Avalia-se que permanecer no Brasil relaciona-se a possibilidade de expressar individualidades e emancipação maior do que a encontrada na localidade de origem, envolve a busca por superar experiências dolorosas, como a de ter que se separar dos pais e dos irmãos desde a tenra idade, e construir um modo de viver diferente para as gerações posteriores. Estas mudanças e escolhas de enfrentamento dizem respeito à constituição de respostas transculturais a situações vivenciadas, a partida muitas vezes funciona como alternativa para ultrapassar sofrimentos do passado, situações subalternas e violências cotidianas intensificadas pelo status de migrante (WALL, NUNES E MATIAS, 2008).

Portanto, o estudo de categorias como migração feminina, chefia de lares monoparentais, maternidade e relacionamentos amorosos na migração devem estar aliadas à investigação acerca de estratégias, das resistências e sobre as transformações que ocorrem, enfocando as lutas pelo fortalecimento da cidadania feminina e a constituição de alianças em torno de todos os que participam do processo migratório.

## Conclusão

Vários interlocutores da pesquisa narraram fatos semelhantes acerca das suas experiências de vida na Guiana. A maior parte delas se relacionava a momentos de sofrimento e luta constante pelos objetivos que se direcionavam a melhoria da qualidade de vida. As narrativas descreveram, em grande medida, as dificuldades como a falta de emprego, as questões relacionadas à pobreza, conflitos e/ou distanciamento nos vínculos familiares, a busca por oportunidades de estudo e emprego em outras regiões do país e em outros países.

As características dos arranjos familiares mostram que a família dos guianenses moradores da cidade de Boa Vista vive uma realidade de ressignificação de hierarquias de reciprocidade, de autoridade e de afetos entre os integrantes do grupo, além de que a noção de família envolve atualmente bastante complexidade, na medida em que diferentes formas de relações coexistem, representando composições diferenciadas de família.

Dentre estes novos modelos estão os relacionamentos tanto de conjugalidade como de paternidade e maternidade que são estabelecidos à distância principalmente a partir da noção de comprometimento e consubstancialidade entre os envolvidos na relação. A criação dos filhos nascidos na Guiana ou no Brasil, a ocorrência de casamentos entre migrantes de mesma nacionalidade ou de nacionalidade diversa é mediada por fatores socioculturais da localidade hospedeira que mesmo quando o migrante é impedido de atuar em espaços oficiais, não deixa de influenciar e as atitudes e comportamentos que adota no cotidiano.

Não se pode deixar de relatar a partir da análise das narrativas que a participação das mulheres guianenses no espaço público é realizada a partir de lutas e significativas conquistas em direção ao *empoderamento*, no entanto, a todo o momento, as relações são mediadas por assimetrias e preconceitos. Há um forte controle da moral que permeia inclusive as relações estabelecidas com os de mesma nacionalidade e de nacionalidade brasileira na localidade de destino.

Portanto, entende-se que os estudos envolvendo a migração entre Brasil e Guiana em suas múltiplas intersecções tem um campo vasto de possibilidades de desenvolvimento. Constatou-se que inúmeros processos sociais tornam invisíveis as demandas e cotidianos vividos por este grupo em Roraima, que a inserção nos espaços de convívio e estabelecimento de vínculos demanda tenacidade do pesquisador, mas que após vencer estes obstáculos, próprios de pesquisas que se propõe a analisar questões que vão além da superfície e que buscam elementos do âmago do interlocutor, o que se tem são a cordialidade e generosidade de pessoas que lutam a cada dia pela sua cidadania e bem-estar.

## Referência

- A ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros**. Editora Mulheres, Florianópolis, 2011.
- BAINES, S. G. A fronteira Brasil-Guiana e os povos indígenas. **Revista de Estudos e Pesquisas**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 65-98, 2004.
- BLANCHETTE, Thaddeus G. Is it a real marriage?: imigração e casamentos entre brasileiros e anglo-americanos. In: NETO, Helion Póvoa; FERREIRA, Ademir Pacelli (Org.). **Cruzando fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005. p. 133-151.
- BUREAU OF STATISTICS GUYANA. Guyana Population and Housing Census, 2002. Disponível em: <<http://www.statisticsguyana.gov.gy/census.html#popcenfin>>. Acesso em: 26 fev. 2013.
- CORBIN, Hisakhana. Migração internacional e desenvolvimento: o caso da Guiana. In: ARAGÓN, Luis E. (Org.). **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFGA, 2009. p. 163-184.
- FAZITO, Dimitri. A análise de redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. In: **ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS**, 13, 2002, Ouro Preto. Anais... Belo Horizonte: Cedeplar/Face/UFMG, 2002. p. 1-25. Disponível em: <[http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt\\_mig\\_st1\\_fazito\\_texto.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/gt_mig_st1_fazito_texto.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2013.
- GARCIA, Loreley. Mulheres transnacionais. **Imaginário**. USP, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 379-398, 2007.
- GREEN, Nancy L. Mudando paradigmas em estudos de migração: de homens para mulheres para gênero. In: AREND, Silvia Maria Fávero; RIAL, Carmem Silvia de Moraes; PEDRO, Joana Maria (Org.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011. p. 35-46.
- GUBER, Rosana. **La etnografía: método, campo y reflexividad**. Bogotá: Grupo Editorial Norma, 2001. 146 p.
- HAYDAR, María del Pilar Morad; VÉLEZ, Gloria Bonilla; LÓPEZ, Mercedes Rodriguez. Familias desde el vivir transnacional: cambios y permanencias en la cotidianidad de las formas familiares en Colombia. In: **CONGRESO INTERNACIONAL SOBRE MIGRACIONES EN ANDALUCÍA**, 1, 2011, Granada. Proceedings... Granada: Instituto de Migraciones, 2011. p. 2041-2052. 129
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1ª edição em 1992, Rio de Janeiro, 11ª edição em 2006, 102 páginas. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaraciara Lopes Louro.
- HELMAN, Cecil G. Migração, globalização e saúde. In: HELMAN, Cecil G. **Cultura, saúde e doença**. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 271-295.
- KRMPOTIC, Claudia Sandra. Cultura, interculturalidad y empoderamiento en la agenda del trabajo social en Argentina. **Revista Trabajo Social**. Bogotá, n. 14, p. 29-40, jan./ dec. 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.unal.edu.co/index.php/tsocial/>>. Acesso em: 18 mar. 2013
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 2005.
- MELMAN, Charles. **Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país**. Rosane Pereira (Trad.). Contardo Calligaris (Org. e Rev.). São Paulo: Escuta, 1992.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MITCHELL, Christopher. Perspectiva comparada sobre transnacionalismo entre imigrantes brasileiros nos Estados Unidos. In: MARTES, Ana Cristina Braga; FLEISCHER, Soraya (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 33-50.

MOTTA, Alda Britto da. Gênero, família e fases do ciclo de vida. **Caderno CRH**. Dossiê: Gênero e Família, Salvador, n. 29, p. 13-20, jul./ dez. 1998.

FERNANDES NETO, Pedro. A faixa de fronteira norte do Brasil: uma análise comparativa entre os dois pares de cidades-gêmeas de Roraima: Pacaraima (Brasil)/Santa Elena (Venezuela) e Bonfim (Brasil)/Lethem (Guiana). In: **Encontro de Geógrafos da América Latina**, 10, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2005. p. 4817-4837. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Geografiasocioeconomica/Geografiaregional/12.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2012.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM/OMI. Central and North America and the Caribbean/Guyana. Disponível em: <[www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/where-we-work/americas/central-and-north-america-and-th/guyana.html](http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/where-we-work/americas/central-and-north-america-and-th/guyana.html)>. Acesso em: 13 fev. 2013.

PAES, Vanessa Generoso. **Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil**. 2011. 556 p. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

PARELLA, Sònia. Los vínculos afectivos y de cuidado en las familias transnacionales: Migrantes ecuatorianos y peruanos em Espana. **Revista Migraciones Internacionales**, v. 4, n. 2, p. 151-188, jul./ dez. 2007. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/151/15140206.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2012.

PEDONE, Claudia. “Varones aventureros” vs. “Madres que abandonan”: reconstrucción de las relaciones familiares a partir de la migración ecuatoriana. **REMHU - Re**